

A HISTÓRIA DE EVA: A SÍNTESE DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE

THE STORY OF EVA

Eloísa Silva Moura¹

RESUMO

Este estudo é uma síntese de minha dissertação de Mestrado em Educação. Trata-se de uma história de vida que narra situações significativas anunciadas na pesquisa de forma profunda e eloquente. O depoimento da professora de codinome 'Eva' nos dá esperança de uma formação na área de Letras que faça diferença, não sem contradições, tensões e condicionamentos. Baseada nos autores: Tardif e Huberman e suas contribuições para os estudos na área da formação de professores, possibilitando assim uma melhoria no fazer profissional e nos saberes docentes.

Palavras-chave: Formação de Professores. Área de Letras. Educação.

ABSTRACT

This synthesis is a result of my research during my Master Degree Research in Education. The story of Eva is a story of the life of a teacher. The story is in form of a narrative and of teacher wick interviewed and nicknamed Eva. The narrative give hope to teachers to get a better formation. The objective being part of the studies of Portuguese Teacher's that makes a difference but often with some contradictions and tensions. The references are from the works of Tardiff and Huberman. They contributed to understanding the study in the area of "Formation of Portuguese Teachers", through their move experienced work and knowledge.

Keywords: Teachers Formation. Education. Arts Area. Education Superior Education. Portuguese Teachers.

¹ Doutora em Letras, Obafemi Awolowo University / Department of Foreign Languages. E-mail: elomm2009@hotmail.com

INTRODUÇÃO

“Não me arrependo do que fui outrora porque ainda o sou.” (Pessoa, [s.d.], p. 40).

A escolha de uma história de vida para sintetizar minha dissertação pareceu-me adequada especialmente porque esta narrativa autobiográfica está recheada de situações que foram anunciadas na pesquisa e que e que são narradas de uma forma profunda e eloquente por uma de minhas entrevistadas, que, depois de trinta anos de exercício de magistério, ainda se sente “motivada, desafiada, estimulada, entusiasmada, tranquila e feliz...”.

Mesmo não querendo ser “piegas”, acredito que depoimentos como este nos dão esperança de uma formação que faça diferença, não sem contradições, tensões e condicionamentos.

Este depoimento, portanto, não está sendo usado como modelo, mas como síntese da maioria das outras falas que ouvi, tentando recuperar não só história de formação do Curso de Letras de uma Instituição Privada de Ensino Superior, mas a carreira de professores aí formados ou em formação.

Colocando em questão esta formação, no confronto com a prática profissional, examino, nesta história, possibilidades e limites, procurando quais as influências da carreira e dos saberes da formação e profissionais na decisão desta professora, de codinome Eva, permanecer na sua profissão.

- As fontes pré-profissionais do saber ensinar...

“Eu não queria ser professora...”.

A construção de nossa identidade pessoal e social é produzida pela socialização, pela inserção do indivíduo nos diversos mundos socializados (família, grupos, amigos, escola). Portanto, recuperar esta história pré-profissional é importante para o entendimento da própria prática profissional dos professores.

Quando Eva nos conta sua história, diz: *“Eu até pensei em ser médica, eu tinha escolhido a especialidade seria a oftalmologia...”.*

Mais adiante, conta por quê:

“[...] eu usava aparelho nos dentes e tinha que viajar todas as semanas de Novo Hamburgo para Porto Alegre para fazer tratamento, e no chamado ônibus direto naquela época viajavam muitos profissionais que trabalhavam em Porto Alegre. Entre eles, havia um médico oftalmologista, doutor Thomas, e eu ficávamos fascinados pelo que ele falava, e eu queria salvar vidas.”

Continua dizendo o que mais queria ser:

“Outra profissão que eu pensei em ter foi fazer advocacia, também achava que advogado, o advogado criminalista, aquilo era o máximo. Eu lia muito, e achava essas questões, decifrar enigmas e mistérios, achava isso uma coisa fantástica.”

Traz também a influência familiar e escolar na escolha do Curso de Letras:

“O fato de ter-me formado em Letras resultou do que meu pai me trouxe. Meu pai é uma pessoa que só conseguiu chegar até o segundo grau. Mas ele me ensinou precocemente a ler, eu com quatro, cinco anos eu já lia. Quando eu fui pra escola, como eu já sabia fazer aquilo que estava sendo ensinado, a professora me mandava para a biblioteca, então eu podia ficar lá fazendo outras coisas que me agradavam muito, e meu pai me ensinou precocemente outros idiomas, com nove anos de idade eu comecei a aprender francês.”

Essas marcas em Eva tornam-se pontos de referência para ela, posteriormente, quando vai ser professora.

Antes, porém, cabe contar como chega a essa ‘escolha’ profissional, recuperando, também, sua entrada no Curso de Letras. Como tantos outros, essa professora tornou-se professora pelas circunstâncias e oportunidades (ou falta delas):

“E quando chegou a hora de estudar, meu pai era funcionário público no antigo IAPI (hoje é o INSS), nós não tínhamos recursos para eu ir morar em Porto Alegre. Naquela época, era difícil viajar todos os dias, eram muito limitadas as condições de transporte. E eu era ainda muito menina, porque terminei o segundo grau com 17 anos. Então, havia cuidados de parte de minha família, não era muito fácil. Como a Universidade, não era Universidade

ainda, como a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras estava aberta ao público, eu resolvi, até por convicção que meus pais tinham de que eu tinha muito tempo na vida ainda para estudar, que eu devia começar por algum lugar, então eu resolvi fazer Letras na Universidade, por gostar muito de ler. Porque era cômodo, estava ao alcance do que os meus pais podiam pagar e pela proximidade com a minha casa. [...]”

Mais adiante, diz:

“Eu fui fazendo Letras e não pensava em trabalhar, até que um dia estava estudando, digamos, por prazer. Até que um dia, nesse meio tempo, era necessário que alguém dessa aula, numa escolinha, lá na vila Jaeger, no tempo do governador Leonel Brizola. Era uma escola que tinha sido fundada, aquela grande expansão de escolas que ele fez. A escola tinha sido construída e estava sendo aberta em setembro. Bom, eu estava fazendo Letras, não tinha feito curso Normal, tinha feito curso Clássico. E me puseram a dar aulas em duas turmas, aceitei mais por desafio.”

Os trabalhos dedicados a recuperar a trajetória pré-profissional dos professores defendem a ideia de que a prática profissional dos professores põe em jogo saberes oriundos da socialização anterior à preparação formal para o ensino. Autores como Carter e Doyle (1996), Raymond et al. (1993), Raymond (1998a e 1998b) mostram que há muito mais continuidade do que ruptura entre o conhecimento profissional e as experiências pré-profissionais, de maneira especial àquelas que marcam a socialização primária (família e ambiente de vida), assim como a socialização enquanto aluno.

Portanto, os saberes experienciais do professor de profissão decorreriam, em grande parte, de concepções do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar e familiar.

- A entrada em sala de aula, as dificuldades, as influências, as concepções, os saberes...

“[...] E foi uma coisa muito, muito difícil para mim, porque percebi, na primeira hora, que não adiantava dominar a língua e conhecer alguma coisa sobre educação, ser intuitiva. Como eu havia cursado o Clássico, tinha certa vantagem, em termos de cultura geral, mas era uma nulidade quanto ao preparo para a atuação com crianças. Porque eu estava diante de duas turmas, uma funcionava das 7 horas às 9 horas e meia, alguma coisa assim. Aí havia um intervalo, e a outra das 10 horas ao meio dia. Duas turmas, uma era de

alfabetização, e a outra eram de terceira ou quarta série. A diretora da escola era uma pessoa que tinha problemas mentais, até ela faleceu cedo, então ela não podia, ela não conseguia orientar muito a gente. E eu fui tentando me entender com aquelas crianças e fui me apaixonando por aquele tipo de trabalho. Duraram aqueles três meses, porque era um contrato provisório, no ano seguinte fiquei novamente sem trabalhar, porque eu não queria continuar. Fiquei muito angustiada e desamparada, porque não conseguia formar referências de conduta adulta nem entender os mistérios da ação docente. Cheguei a pensar em abandonar minha “pretensão de ser professora.”

O impacto, o “choque com a realidade”, no dizer de Huberman, já mostra para a professora Eva o quanto a prática profissional lança ao professor desafios complexos:

Ao estrear em sua profissão muitos professores se lembram de que estavam mal preparados principalmente para enfrentar condições de trabalho difíceis, sobretudo do ponto de vista do interesse pela função, da turma de alunos, da carga de trabalho, etc. (TARDIF, 2000c, p. 229).

O início da carreira constitui uma fase crítica em relação às experiências anteriores e aos reajustes a serem feitos em função das realidades do trabalho, levando, muitas vezes, à desilusão e ao desencanto...

A fala da professora Eva também revela que, para exercer o ofício docente, exigem-se conhecimentos específicos e não só intuitivos. A descoberta dos alunos “reais”, que não correspondem à imagem esperada ou desejada (muitas vezes apresentadas nas instituições formadoras), coloca à professora exigências e decisões importantes nessa fase inicial.

Diferentes autores (LORTIE; ZEICHNER; GORE apud TARDIF, 2000b, 1990) dizem que essa fase de exploração (do primeiro ao terceiro ano da carreira), na qual o professor faz uma escolha provisória de sua profissão, varia de acordo com os professores, pois pode ser fácil ou difícil, entusiasmadora ou decepcionante, e é condicionada pelas limitações da instituição.

Segundo Gold (apud TARDIF, 1996) esta fase é tão crucial que leva uma percentagem importante de iniciantes a abandonar a profissão ou a se questionar sobre a escolha da profissão e sobre a continuidade da carreira.

Continua Eva:

“E aconteceu de novo... Recebi um convite de uma diretora de uma escola privada, a qual eu já tinha freqüentado quando criança, para substituir uma gestante. O ambiente era muito amigável, afetuoso e propício ao trabalho. Havia apoio pedagógico e espiritual, alegria e incentivo à criatividade... Fiquei encantada com o que podia acontecer numa escola, com minha participação como docente. Embora ainda muito despreparada, fui estimulada a desenvolver o bom senso, a intuição e a responsabilidade... Devo à diretora a apresentação às possibilidades de realização que uma escola deve oferecer a seus professores, alunos e demais colaboradores.”

Algumas pesquisas (HUBERMAN, 1989) indicam que certas condições são necessárias não só para estrear na profissão com mais facilidade, mas também para a consolidação e a permanência na carreira, notadamente: ter turmas fáceis; um volume de trabalho que não consuma todas as energias do professor, o apoio da direção; colegas de trabalho acessíveis...

Chama atenção na narrativa da professora Eva como boa parte do que se faz na sala de aula tem de improvisação (“intuição, bom senso”). Tardif et al. (1991, p. 228) dizem, referindo-se aos saberes de experiência, que:

Os limites à atuação do professor não são problemas abstratos como os encontrados pelos cientistas [...] no exercício cotidiano de sua função os limites aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas, e que exigem uma cota de improvisação e de habilidade pessoal [...] e que “a experiência dessas limitações é formadora”.

E aí seguiu minha vida não parou mais [...] E hoje poderia dizer que não há outro espaço tão gratificante para uma pessoa, onde ela consegue se realizar tanto, como na sala de aula. Porque ali a gente sente que pode levar uma pessoa de um determinado ponto do caminho até outro ponto, que a própria pessoa decide qual é. Porque é através do conhecimento que a gente tem, do exemplo que a gente dá, da orientação que a gente pode oferecer que a pessoa consegue fazer esse deslocamento. Acho que outro espaço semelhante é o do médico, acho que ele também tem esse poder de transformar a vida, melhorar as condições de vida, ajudar a pessoa a suportar a dor, o sofrimento. E tanto o professor quanto o médico, na hora em que eles estão exercendo ali sua função social, eles são donos absolutos, são os únicos responsáveis por aquele momento. E isso é alguma coisa indescritível, uma sensação de liberdade que a gente tem de agir. Liberdade e de responsabilidade, porque tudo o que a gente fizer ou deixar de fazer terá consequência, será impossível consertar.

Nesse momento da narrativa, Eva recorre aos seus saberes pré-profissionais, às suas crenças, aos seus valores, às suas preconceções construídas desde lá do ônibus que a trazia de Novo Hamburgo para Porto Alegre e que foram (são) reutilizadas na prática de seu ofício.

A importância desse espaço formador influenciando sua profissional – o professor e o médico se encontram no imaginário de Eva – servindo, quem sabe, para consolidar (justificar) sua escolha profissional. O prazer em ajudar os outros, a relação interpessoal, o exemplo são sempre saberes que perpassam os depoimentos dos professores e se constituem naquilo que Tardif chama de saberes personalizado, que são saberes apropriados, incorporados, subjetivados pelos docentes “[...] nas profissões de interação humana, a personalidade do trabalhador é absorvida no processo de trabalho e constitui, até certo ponto, a principal mediação da interação.” (TARDIF; LESSARD, 1999, p. 216).

A questão da autonomia, expressa por Eva como ‘liberdade e responsabilidade’, é outro valor trazido pelos professores... Diferentes concepções cercarem seus entendimentos e, de alguma forma, mostraram-me suas concepções de profissionalidade, suas ideias do que é ser professor.

A visão de Eva confunde autonomia com a idéia de liberdade nos moldes liberais:

“[...] eles (professores/médicos) são os donos absolutos do espaço onde atuam, [...] isso é uma coisa indescritível, uma sensação de liberdade”, “[...] liberdade e [...] responsabilidade”.

Segundo Contreras, a autonomia precisa ser definida como “qualidade educativa”, diretamente ligada aos fins da educação. Essa forma de abordar a autonomia coloca em relevo o aspecto político da educação, apontando para a questão ética no desempenho de nossas funções.

Conforme o autor,

[...] não é uma capacidade individual, não é um estado ou atributo pessoal, mas um exercício [...] se constrói na dialética entre as convicções pedagógicas e as possibilidades de realizá-las [...] representa uma busca e uma aprendizagem contínua da própria identidade profissional. (CONTRERAS, 1997, p. 65).

Este é um desafio para todos nós, professores, pois ainda associamos e restringimos autonomia à idéia de não ingerência – sentimo-nos “donos absolutos”... do espaço da sala de aula.

- Os saberes acadêmicos e os saberes profissionais: o Curso de Letras e as rupturas provocadas pela prática docente...

“[...] Uma formação em Letras dá à gente uma série de janelas para o mundo, propicia o domínio da própria língua materna, e, no meu caso, o tipo de formação que eu tive, ainda o domínio de outros idiomas, que são janelas que dão acesso a outras culturas. Isso aparelha a gente muito bem pra poder lidar com o mundo atual. É algo que até hoje me favorece, que me distingue.”

Mais adiante, diz:

“[...] ninguém consegue se formar bem em Português, se não conseguir ler em outros idiomas, para poder conseguir ler os livros, as pesquisas, as produções no original.”

A professora Eva vai costurando sua narrativa mostrando a formação que teve, avaliando-a e propondo outras possibilidades para os Cursos de Letras.

Continua dizendo:

“[...] Eu aprendi a aprender, isso não é ajuda muita ou pouca, é toda ajuda que a gente precisa. Inclusive a disciplina que hoje leciono nem meus professores sabiam que um dia ela existiria ou seria necessária...”

Vai contando como organizou a disciplina, de quais conhecimentos se valeu e termina dizendo:

“[...] Isso eu não aprendi na academia, e nem sequer imaginava que um dia eu ia ser professora disso, mas, com os conhecimentos todos que eu tenho acerca da Língua e a facilidade em ler em outros idiomas, eu acabei criando uma disciplina para atender uma necessidade de meus alunos [...] Formulando hipóteses, testando, construindo com eles este novo conhecimento...”

Eva insiste muito na importância dos saberes específicos, sem esquecer que os professores lidam com os seres humanos.

“[...] a gente precisa de conhecimentos básicos do idioma, da natureza do idioma, isto é fundamental... [...] e também a gente precisa um grande conhecimento sobre o ser humano”.

Essas descobertas feitas por Eva vão-se dando ao longo de sua carreira; o domínio progressivo do trabalho leva a uma abertura em relação à construção de suas próprias aprendizagens, de suas próprias experiências, abertura essa ligada a uma maior segurança e ao sentimento de estar dominando bem suas funções. Num primeiro momento, esse domínio relaciona-se com a didática ou com a preparação das aulas, para chegar à compreensão de seus próprios alunos...

- Os saberes dos professores carregam as marcas do ser humano...

“[...] Eu trabalhei durante anos de minha vida imitando os professores que eu tinha tido. E cada vez estudando mais Português, mais Literatura, e [...] imitando os meus professores; quanto mais eu fazia isto mais atrapalhada eu me via diante das turmas [...] Com algumas era fácil, e com outras não havia progresso [...] E aí eu descobri que não sabia nada sobre Educação, e aí fui estudar.”

“Nós tínhamos uma formação pedagógica no final do curso, umas noções de Didática, algumas coisas desse tipo, aquilo não era suficiente. E foi ali que eu descobri, naquela época, que a minha missão como professora não era ir dar aula show para os meus alunos, era qual o caminho que eu tinha feito para aprender determinadas coisas. Que não necessariamente seria o caminho que eles iriam fazer. Mas passar para eles a idéia que eles tinham que ter um caminho para chegar às coisas que eles precisavam aprender. E no momento que eu aprendi isso, eu comecei a discutir com eles o caminho que eles faziam.”

Além da crítica à sua formação, que é praticamente a mesma em quase todas as licenciaturas, Eva vai revelando suas concepções de aprendizagem e descobre que os seres humanos têm a particularidade de existirem como indivíduos que aprendem.

Tardif nos diz a esse respeito:

A aquisição da sensibilidade relativa às diferenças entre os alunos constitui uma das principais características do trabalho docente. Essa sensibilidade exige do professor um investimento contínuo e a longuíssimo prazo, assim como a disposição de estar constantemente revisando o repertório de saberes adquiridos por meio da experiência. (2000b, p. 17).

Outra questão importante apontada por Tardif (2000b) e que reforça o depoimento da professora é que os alunos são seres humanos cujo assentimento e cooperações devem ser obtidas para que aprendam e para que o clima de sala de aula seja de tolerância e respeito com os outros:

“[...] Então eu só consegui ficar boa professora de Português quando eu consegui entender as dificuldades das pessoas e consegui aceitar que cada uma delas tem um caminho diferente para chegar a um determinado lugar. Isso exige muito da gente, mas ao mesmo tempo é algo que marca tanto o professor quanto o aluno para sempre, porque é uma experiência profunda, única...”

- Novas aprendizagens, críticas e perspectivas para a formação de professores de Letras...

Narrando sua experiência, logo ao voltar de uma licença gestante, quando foi ‘premiada’ com uma turma de repetentes, para quem nenhum professor queria dar aulas, fala sobre a ideia que teve de um trabalho interdisciplinar:

“[...] Eu tinha na turma gente que tinha sido repetente em Matemática, em Português, não sei o que mais. Então eu resolvi fazer o seguinte: usar como textos para as aulas de Português os enunciados das disciplinas em que eles tinham fracassado. E aí nós trabalhamos com a hermenêutica dos problemas, como é que se interpreta um problema para poder chegar ao caminho. O texto de História, o que é principal, o que é secundário, ensinou-os a fazer um resumo. A mesma coisa para Geografia, a mesma coisa para Ciências. E eu acho que talvez tenha sido o melhor trabalho que eu fiz na minha vida. Foi ajudar aquelas pessoas todas as aprenderem a ler aquele tipo de texto, porque isso também quando eu comecei a trabalhar eu ia para a escola, e eu mandava os meus alunos lerem o livro x, até o dia tal, fazia uma porção de perguntas sobre. Eu nunca tinha me preocupado com o fato de que eles estavam no segundo grau, o pressuposto era de que eles sabiam ler. E aí eu descobri

bem madura, já avançada na minha profissão, que ler não era uma coisa mecânica, e que a produção da leitura é alguma coisa complexa e pode ser treinada. E consegui ensinar muitos alunos meus a ler.”

Eva mostra-nos o quanto o ensino que teve foi fragmentado:

“Então no tempo em que eu fiz o Curso de Letras, como era um curso seriado, nós tínhamos aulas de várias disciplinas no mesmo dia, e cada disciplina ficava no seu território, e a gente tinha dificuldade de transferir o que aprendia numa para outra, essas costuras a gente é que tinha que fazer depois. Quando a gente estudava o Romantismo na Itália, o Romantismo na França, o Romantismo na Espanha, o Romantismo em Portugal, a gente perdia às vezes a noção de vista que aquilo era um movimento só e que havia muitas influências, e também, geralmente, cada professor produzia os seus exercícios focalizado naquele território.”

Todavia, a professora observa que um professor destacou-se por já promover um ensino mais integrado, que lhe serviu na prática profissional futura como modelo:

“[...] Com ele, que dava aula de Literatura Brasileira, Literatura Italiana e Estética, e fazia essa costura, eu aprendi, quando comecei a lecionar literatura, a trabalhar com pintura, com escultura, com teatro e também com alguma coisa de política, alguma coisa do tempo que se está vivendo. [...] eu tinha que movimentar o mundo das idéias de meus alunos. Eles tinham que pensar sobre as coisas, tinha que ter referenciais, elementos de comparação, tinha que fazer escolhas...”

Continua pensando alto:

“[...] Professor tem que ler, tem que frequentar outros espaços... tem que entender as mídias a que estão expostos os alunos...”

“A academia deixa muito a desejar... Os alunos não conseguem ler o jornal... O que é que está acontecendo?”

E continua respondendo à sua própria questão:

“[...] Se a gente observa todo aquele conhecimento que a gente trabalha no Currículo de Letras... A gente vê que ele não é aplicável diretamente ao que a gente vai fazer em sala de aula.”

Eva se dá conta, mais uma vez, do quanto a formação de nossos professores é prescritiva e desvinculada do real, e de que os professores precisam lançar mão de outros saberes para darem conta de seu ofício:

“O que a gente vai fazer na sala de aula é: fazer com que a pessoa use a Língua Pátria, aquela que ela domina desde que aprendeu a falar, produzindo efeitos intencionais, fazendo acontecer coisas, em função das suas relações, do seu trabalho, como cidadão. E, para isso, ela precisa entender o que está escrito. As regras, os regulamentos, as oportunidades de diversão. Tudo o que está disponível, enfim, para a sociedade letrada.”

Eva, quando desafiada a terminar a entrevista, fez questão de fazer um registro:

“Destaco, nessas considerações, a influência positiva de pessoas admiráveis com as quais tive ou tenho o privilégio de conviver. Esses modelos de inteligência, afetividade, competência, respeito pelo outro, capacidade de inovar e surpreender foram decisivos para que eu mantivesse elevado o moral e o meu nível de exigência.”

“Entre essas pessoas, estão meus familiares, colegas de trabalho, muitos alunos, profissionais que a vida foi trazendo para o meu caminho, todos recebidos como uma graça de valor inestimável. Graças a eles, tem sido possível controlar o estresse, as frustrações, o desânimo e a preguiça.”

REFERÊNCIAS

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: Nóvoa, António (org). Vida de professores. Porto, Portugal: Porto, 1995.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000b.

_____. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, práticas e saberes do magistério. In: Candau, Vera M (org). **XENDIPE: Didática, Currículo e Saberes Escolares**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000c.